

3 – TCC EM DESTAQUE

3.1. O Cortiço, de Aluísio Azevedo, sob o viés da História

Giedre Lima Cardoso⁵

Resumo: O presente trabalho aborda a importância da interdisciplinaridade em sala de aula. Relaciona a utilização da história e da literatura para que o aluno tenha uma visão mais abrangente sobre a sociedade carioca, por meio do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, que sendo como tal sujeito do seu tempo, “fotografou” a cidade do Rio de Janeiro em sua obra. Cabe a este trabalho discutir e compreender o período que abrange a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX o qual foi marcado por diversas mudanças de ordem econômica, social, política, cultural e espacial, enfatizando como os espaços populares conhecidos como “cortiços” fizeram parte da história dos habitantes do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; História e Literatura; Cortiço.

Abstract: This work addresses the importance of interdisciplinary education in the classroom. It relates the use of history and literature to provide students with a broader understanding of Rio de Janeiro society through the novel "O Cortiço" by Aluísio de Azevedo. As a product of his time, Azevedo "photographed" the city of Rio de Janeiro in his work. This paper aims to discuss and comprehend the period that encompasses the second half of the 19th century and the early decades of the 20th century, which was marked by various economic, social, political, cultural, and spatial changes. It emphasizes how the popular spaces known as "cortiços" were part of the history of Rio de Janeiro's inhabitants.

Keywords: Interdisciplinarity; History; Literature; Cortiço.

Introdução

Muitos são os estudos que tentam explicar a estreita relação que há entre a História e a Literatura. Isso porque a literatura faz a sua obra por meio da contextualização do seu presente, através da vivência do autor, enquanto a História enriquece o seu campo de análise através dos textos literários que permitem que o historiador interroge e questione o passado. Entretanto, a relação entre História e Literatura não são vistas de forma unívocas por todos os autores.

⁵ Especialista em História Social e Cultural do Brasil pelas Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FEUC), especialista em História e Cultura Afrodescendente pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), graduada em História e em Letras pelas Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FEUC).

Repensando a maneira de conceber os fatos históricos do *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo pode-se compreender sobre as formas de moradias que permeavam a cidade do Rio de Janeiro. Para compreender a quantidade de habitantes na cidade do Rio de Janeiro, muitas são as proposições: dobro da população do Rio de Janeiro devido à assinatura da lei Áurea e o crescimento da cidade que se deve a grande quantidade de pessoas provenientes da imigração ao longo da segunda metade do século XIX.

Os cortiços foram acompanhando passo a passo as transformações havidas no espaço urbano e na habitação e surgiram se adaptando para atender as pessoas que viviam da industrialização.

O Presente trabalho tem como objeto de estudo o cortiço do Rio de Janeiro no período que compreende a segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX. Nesse sentido, busco analisar a obra de Aluísio de Azevedo, naturalista brasileiro, à luz da história e assim contextualizá-lo a outros especialistas do tema.

Com a junção da história e da literatura pode-se despertar no aluno o interesse pela disciplina e assim propiciar uma reflexão ampla fora dos limites reproduzidos na escola que continuam como uma forma ultrapassada de pensar história.

No primeiro capítulo foi realizado um debate sobre a história e a literatura, percebendo-as como campos de conhecimentos distintos, mas estritamente ligadas. Discutiu-se sobre a forma como o historiador usa a literatura, não podendo ser apenas em busca de datas e fatos, pois a mesma trabalha em cima do “não acontecido”, mas sim descobrindo as personagens que antes eram deixadas de lado pela história oficial. Ainda nesse capítulo também se realizou uma descrição sobre o movimento literário naturalista e seu objetivo no Brasil e, através de críticos literários, esclarecendo sobre esse movimento e sobre um dos seus romancistas mais célebres, Aluísio de Azevedo.

No segundo capítulo é feita uma breve contextualização da obra *O Cortiço* com a cidade do Rio de Janeiro. A partir da análise de alguns historiadores, busca-se compreender a lógica espacial da cidade. Discute-se ainda sobre o fato de os cortiços terem se tornado uma prática comum entre os proprietários e arrendatários de imóveis na virada do século e essas formas de morar estavam presentes por toda a cidade, abrigando considerável parcela da população. Nesse capítulo também foi feita uma relação entre o Rio de Janeiro e a obra de Aluísio de Azevedo onde o mesmo serve de espelho para retratar a realidade da cidade.

Já no terceiro e último capítulo, busca-se conhecer sobre a história dos cortiços cariocas e sobre os diversos nomes a ele atribuídos. Compreender sobre a sua formação e seu desenvolvimento na cidade. É discutido também sobre o início da Favelização no Rio de Janeiro, tendo como seu início no “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos onde os desabrigados tiveram como único caminho a subida do morro para habitar.

Os cortiços surgiram através da necessidade de moradias baratas para atender a demanda de trabalhadores que precisavam encontrar-se próximo ao seu local de trabalho, porém foram eliminados do centro da cidade com discursos higienistas e por medo das classes pobres, classes perigosas. Começa então a desenvolver-se uma nova forma de moradia, as favelas, que são frutos da discriminação espacial e do descaso público.

CAPÍTULO 1 – INTERDISCIPLINANDO A HISTÓRIA

1.1 - HISTÓRIA E LITERATURA

A Literatura e a História andam juntas, de tal forma que nem sempre é possível identificar onde uma começa e a outra termina. A primeira faz a sua obra através da contextualização do seu presente, através da vivência do autor e a segunda enriquece o seu campo de análise através dos textos literários que permitem que o historiador interogue e questione o passado. “As duas são meios utilizados para pensar o homem” (ALVES, 2002, p.13). Nicolau Sevcenko afirma que “a literatura descreve sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 2003, p.30).

Para trabalhar História e Literatura, entretanto, é necessário cuidado porque estas possuem metodologias diferentes. A « História diz respeito aos acontecimentos que envolvem o homem em sociedade e a ficção literária procura representar os fatos históricos reconstruindo-os pela imaginação criadora do autor » (PIMENTEL, 2017, p.06). Assim, apesar de ambas as narrativas se igualarem na sua forma textual, elas diferem na forma que foram desenvolvidas. Pesavento diz :

literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. A literatura é, no caso, um discurso

privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. (PESAVENTO, 2006, p. 23).

Nicolau Sevcenko descreve que « enquanto a história procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma perspectiva do vir-a-ser . Ocupa-se o Historiador da realidade enquanto o escritor é atraído pela possibilidade». (SEVCENKO, 2003, p. 30).

As relações entre história e literatura não são vistas de forma unívoca por todos os autores. Temos, por exemplo, Hayden White, que vê como discursos aparentados; para ele “História é um gênero da literatura (SILVA, 2005, p. 182). Já para o Inglês E.H. Carr, a definição de “História não é absoluta, pois para ele a definição da História depende da visão que cada um tem de sua própria sociedade e do tempo vive” (SILVA, 2005, p. 182), para ele, um acontecimento qualquer de um fato histórico é a importância que o pesquisador de História dá ao fato e não a outros. Ou Seja, um fato só se torna histórico através da interpretação do historiador. Como Regina Dalcastagnè afirma “muitas descrições costumam envolver uma consequente e imediata interpretação; que nessa interpretação muitas vezes estão embutidos preconceitos de classes, de raça, de gênero” (DALCASTAGNÈ , 2001, p. 485).

A Literatura não pode ser utilizada se o historiador tiver em busca apenas de datas e fatos acontecidos, pois ela trabalha com o “não acontecido”. Os personagens principais da obra de Aluísio de Azevedo podem não ter existido como João Romão, Bertoleza, Miranda entre outros, mas existiram enquanto possibilidades foram reais na verdade do simbólico. São dotados de realidade porque encarnaram defeitos e virtudes dos seres humanos e através de suas personagens representaram a sociedade daquele período. Pesavento afirma que a literatura é, no caso, « um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos » (PESAVENTO, 2006, p.03). O historiador trabalha também com a narrativa sendo que ele não cria personagens nem fatos. No máximo os “descobre” fazendo-os sair da sua invisibilidade.

Por isso, a importância da Literatura, pois permite que se conheça a História vista de baixo. Peter Burke explica que “essa perspectiva amplia os limites da disciplina, abre

novas áreas de pesquisas e, acima de tudo, explora as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada” (BURKE, 1991, p.41).

O historiador trabalha com a intenção de conhecer melhor o passado porém não tem a certeza de ter conseguido avançar na construção do mesmo, pois trabalha em um tempo no qual não estava presente. Desta forma, é impossível alcançar a verdade absoluta e concreta em História. Como Sandra Pesavento esclarece :

Na reconfiguração de um tempo - nem passado nem presente, mas tempo histórico reconstruído pela narrativa -, face à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, os historiadores elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia. O historiador atinge pois a verossimilhança, não a veracidade. Ora, o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto. (PESAVENTO, 2006, p. 04) .

A função do historiador, então, é fazer perguntas às fontes literárias, conforme podemos verificar nesta afirmação de Sandra Pesavento:

Atribuindo ao traço a condição de documento ou fonte, portador de um significado e de um indício de resposta às suas indagações, o historiador transforma a natureza do traço. Transforma o *velho* em *antigo*, ou seja, rastro portador de tempo acumulado e, por extensão de significações. Como fonte, o traço revela, desvela sentidos (PESAVENTO ,2006, p. 05).

A partir dessa perspectiva a literatura passa a ser indispensável como documento para o historiador, pois com a análise e compreensão dos textos literários é possível perceber o contexto histórico em que o texto foi escrito, a visão política e social do autor.

1.2 - O NATURALISMO E O CORTIÇO DE ALUÍSIO DE AZEVEDO.

O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, está inserido no movimento literário conhecido como Naturalismo. Tal movimento tem o objetivo de retratar o Brasil no século XIX e explicar o comportamento das personagens com base na influência do meio, da raça e do momento histórico. “É o realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade” (COUTINHO, 2002, p. 11).

Afrânio Coutinho esclarece que naturalismo comporta conceituações mais ou menos precisas no plano da filosofia, suposição de que não há nada que constitua a realidade além da natureza, e termo de conceituação variável no plano da história e da crítica literária. Já a autora Sandra Pesavento conceitua:

A palavra Naturalismo é formada de natural + ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para a qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se de métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e das personagens (PESAVENTO, 2006, p. 11).

Esse movimento literário surgiu como uma evolução do pensamento Romancista. Procura a verdade e despreza o sentimentalismo, tem a preocupação com a época contemporânea e realizou a sua obra observando os acontecimentos por eles presenciados.

Nelson Werneck Sodré afirma que “o romantismo foi o meio de expressão própria da ascensão burguesa; naturalismo seria o da sua decadência” (SODRÉ, 1965, p.18). Os escritores naturalistas tinham como objetivo pintar a vida e para esse fim pediam à ciência que explicasse. Estavam em busca do “real” e para isso trocaram o subjetivo pelo objetivo, pelos fatos fielmente observados, e “aumentaram o interesse, sobretudo pela camada mais baixa, e puseram mais ênfase na liberdade de expressão” (COUTINHO, 2002, p.12).

Entretanto, o Naturalismo não pode ser confundido com o Realismo, pois como escreve Pierre Martino: “o Naturalismo prolonga o Realismo para afirmá-lo ou exagerá-lo” (MARTINO, 1923, p.70). Mais do que descrever, esse movimento literário tinha como objetivo uma atitude de “luta aberta, denunciando aquilo que, na sociedade do tempo, reclamava reforma ou destruição” (MARTINO, 1923, p.73).

Segundo Afrânio Coutinho:

O romancista naturalista, não precisava assumir uma atitude de pregador, no seu intuito rebelde: Bastava-lhe a transposição da realidade, na sua crueza, na sua brutalidade e nos seus atos vis, para que daí se inferisse a necessidade da transformação social que era o alvo da revolução. (COUTINHO, 2002, p. 74).

Desta maneira, o escritor denunciava as mazelas da sociedade para que esta fosse a ruínas. E como afirma Sodré: “O Naturalismo é um pouco a sociologia na literatura” (SODRÉ, 1965, p.25). Busca compreender o homem como ele é, um ser que age conforme seus instintos.

Deve-se à influência francesa a penetração de ideias “modernas” do século XIX no Brasil (COUTINHO, 2002, p.14), contudo, o Naturalismo teve sua aceitação no Brasil não somente por essa ação, mas porque estava passando por mudanças em seu território que possibilitaram essa transição. O País estava em um momento de grandes transformações sociais e econômicas. A começar pelo encerramento da Guerra do Paraguai, a Fundação do Clube Republicano, a Lei do Ventre Livre, de 1871; a Questão Religiosa, em 1874; a Libertação dos Sexagenários, em 1885; a Abolição e a Questão Militar, em 1888; A Proclamação República, em 1889. “De uma sociedade agrária, latifundiária, escravocrata, aristocrática, passava-se para uma civilização burguesa e urbana” (COUTINHO, 2002, p.17).

1.2.1 CORTIÇO DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luiz do Maranhão, 1857. Viveu longos anos como escritor profissional, ingressando em 1895 na carreira diplomática, como cônsul. Casou-se com uma senhora argentina, de que teve um filho, Pastor Azevedo Luquez, escritor em espanhol e português. Quando jovem ele fazia caricaturas e poesias, como colaborador, para jornais e revistas no Rio de Janeiro. Seu primeiro romance publicado foi: *Uma lágrima de mulher*, em 1880. Fundador da cadeira número quatro da Academia Brasileira de Letras e crítico social, este escritor naturalista foi autor de diversos livros, entre eles estão: *O mulato*, que provocou escândalo na época de seu lançamento, *Casa de pensão*, que o consagrou.

Este autor, que não escondia seu inconformismo com a sociedade brasileira e com suas regras, escreveu ainda outros títulos: *Condessa Vésper*, *Girândola de amores*, *Filomena Borges*, *O Coruja*, *O homem*, *O esqueleto*, *A Mortalha de Alzira*, *O livro de uma Sogra* e contos como “Demônios”.

Durante grande parte de sua vida, Aluísio Azevedo viveu daquilo que ganhava como escritor, em 1890 o escritor lança *O Cortiço* que atinge o apogeu do Naturalismo

brasileiro, mas ao entrar para a vida diplomática ele abandonou a produção literária. Faleceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 21 de janeiro de 1913.

Sendo como tal sujeito do seu tempo, o romancista utiliza seus escritos para “fotografar” a sociedade em que vivia e através do seu olhar sobre o Rio de Janeiro compreender a lógica espacial da cidade, as desigualdades sociais e a formação da elite carioca revelando a violência nela envolvida.

(...) comporta uma imensa galeria de personagens. O Cortiço de João Romão é um organismo vivo, que nasce com algumas tábuas roubadas, e morre num incêndio. Nesse meio tempo, João Romão enriquece - explorando os miseráveis que moram ali e compram em sua venda. Desse convívio de tipos vai se fazendo o romance, como ia se fazendo a nação. (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 485).

Aluísio Azevedo, de acordo com Antônio Cândido, inspirou-se evidentemente em *L'Assommoir*, de Emile Zola, para escrever *O Cortiço*. (CÂNDIDO, 1991, p. 112). A intenção do método naturalista era fazer críticas a uma realidade corrompida. Zola e, neste caso, Aluísio abordam a zoomorfização, isto é, a animalização do comportamento humano com características animais e sensualizadas, criticando os valores moralistas da época. Os dois romances trabalham com personagens de várias etnias. Todavia, *O Cortiço* não trabalha apenas o modo de “vida do operário como Zola o faz, mas também passa representar através dele aspectos que definem todo país” (CÂNDIDO, 1991, p. 121), ou seja, é a figuração do próprio Brasil. *O Cortiço* segundo Afrânio Coutinho é “o melhor romance de aglomerado humano da literatura brasileira” (COUTINHO, 2002, p. 79). Sodré sustenta:

O Cortiço é o livro mais verdadeiro de Aluísio de Azevedo. É um romance, este, em que muito se sente o fartum de carne plebéia, o budum e o visgo sensual da gente do povo, mas é o seu livro de cor naturalmente realista, de uma verossimilhança mais completa. (SODRÉ, 1965, p. 188)

Como já foi trabalhando no item anterior, a história também faz uso da verossimilhança, o que é provável, o que poderia ter sido, o de possível aceitação, pois

não tem como voltar no tempo para se afirmar sobre algo. Por isso o uso desta obra narrativa histórica.

No Cortiço está presente o mundo do trabalho, do lucro, da competição, da exploração econômica. Temos como exemplo o lucro de João Romão com seus cômodos alugados com insalubridade, tudo comprado com as economias da escrava Bertoleza mostrando dessa maneira a formação da nossa elite carioca:

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranhou com os cacarecos de Bertoleza. (AZEVEDO, 1997, p. 79)

Caracteriza também a desigualdade social onde manifesta também o cortiço de um lado e o sobrado do outro. Retrata do mesmo modo a vida comum na capital do país e o que era habitual nele e denuncia o comportamento humano, no qual faz uso da trapaça e engano para enriquecer ilicitamente.

Descreve sobre o furto, meio utilizado para construção dos cortiços:

Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso, graças à circunstância de que nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor. (AZEVEDO, 1997, p. 79).

Aluísio escreve sobre os imigrantes, principalmente portugueses. Temos como exemplo o Português que vence o meio (João Romão), o que é chega e é vencido pelo meio (Jerônimo) e o português que representa a elite do Brasil (Miranda). Os três são exemplo do Determinismo "O homem é o produto do meio, momento e hereditariedade". João Romão é influenciado pelos moradores do sobrado, por isso, começa a se modificar, ficar mais sofisticado; Miranda, como começa a se misturar com o pessoal do cortiço, fica indolente e preguiçoso.

O Autor faz alusão aos relacionamentos entre portugueses e brasileiros. Com um sentido de preconceito descreve o relacionamento da Bertoleza com Romão quando

o mesmo o convidou para morarem juntos e ela aceita, feliz, "porque, como toda cafuza [...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua" (AZEVEDO, 1997, p. 79). O Mesmo ocorre nos amores de Jerônimo e Rita, que "era volúvel como toda a mestiça"; quando viu que o português a queria, trata logo de largar o capoeira Firmo, mulato como ela, porque "o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior" (AZEVEDO, 1997, p. 79).

Capítulo 2 – O RIO DE JANEIRO E OS CORTIÇOS

2.1 – O RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Com a abertura dos portos em 1808 para os países estrangeiros que possuíam relações com Portugal, o comércio da cidade do Rio de Janeiro passou a receber grandes quantidades de produtos europeus, principalmente ingleses. “Entre 1808 e 1822 foi registrada a fixação de 4.234 estrangeiros, sem contar os seus familiares. Foram 1.500 espanhóis, mil franceses; seiscientos ingleses, centenas de alemães, italianos, suíços, suecos, holandeses etc. Até mesmo chineses e hindus vêm para o Rio.” (LESSA, 2000, p.77). Ao se tornar capital do Império português, a cidade foi sendo modernizada, porém não deixava de ter a sua população predominantemente mestiça e a forte presença da escravidão em sua localidade.

Segundo Glória Kok “de 1872 a 1890, a população praticamente dobrou, passando de 266 mil a 522 mil habitantes” (KOK, 2005, p.16). Isso ocorreu devido à assinatura da Lei Áurea em 1888 onde os escravos permaneceram na capital para ingressarem no mercado de trabalho. “Um ano após a Abolição, dos 522.651 habitantes do Rio, 34% eram negros ou mestiços; deste grupo, 48% tinham emprego como domésticos.” (LESSA, 2005, p. 115).

Porém, antes mesmo da abolição da escravidão, existia uma grande parcela de escravos que trabalhavam. Uns eram libertos, outros mesmo, sem serem libertos, “possuíam uma relativa autonomia em relação às normas econômicas do período” (CAMPOS, 2007, p. 54). Os estudos de Manuela Cunha demonstram que “os escravos urbanos eram considerados um perigo que a imprevidência de toda uma população urbana

que vivia à sua custa estava fomentando” (CUNHA, 1986, p. 54). O Rio de Janeiro ainda segundo a autora, “concentrava grandes números de escravos urbanos. Eles permaneciam livres, parte do tempo, para vender ou alugar seus serviços em troca de um jornal – correspondente ao salário diário de um trabalhador com o qual pagava seus senhores. O que sobrava era utilizado, muitas vezes, para alugarem ou sublocarem quartos em estalagens de cortiços, deixando assim de dependerem dos seus senhores para lhes proverem moradias” (CUNHA, 1986, p. 54).

Aluísio de Azevedo sob essa perspectiva narra sobre Bertoleza, uma de suas personagens em *O Cortiço*, que era uma mulher escravizada e juntava dinheiro com o lucro da quitanda na qual vendia comida e juntava dinheiro para comprar a sua liberdade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. [...] João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza (AZEVEDO, 1997, p. 1).

Assim como muitos escravos eram enganados, por não saberem ler e escrever, Bertoleza também foi por seu amigo João Romão que se apropriou das economias da escrava para investir no próprio negócio. Novamente é retratada a visão crítica do autor que expõe os problemas sociais, a exploração do homem pelo homem.

A quantidade de pessoas pobres e sem qualificação na cidade do Rio de Janeiro era relevante. De acordo com Lilian Vaz nesta “vasta oferta de força de trabalho a proporção dos empregados domésticos e dos ‘sem profissão’ era alta, refletindo a disponibilidade desta força de trabalho” (VAZ, 1985, p.13). Esta autora mostra que:

A categoria dos "sem profissão conhecida" constituía 34% do total da população. Somados aos que se declaravam viver de "agências", ou seja, de biscates, teremos 35% da população vivendo em constante busca de estratégias de sobrevivência (VAZ, 1985, p.13).

Para garantir a sobrevivência, grande parte da população vivia na rua e possuía precárias remunerações, pois morar próximo ao centro do Rio de Janeiro possibilitava ocupação e morar longe, sem transporte, somente os mais abastados que poderiam. José Murilo de Carvalho descreve:

[...] Eram ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e dos navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, criados, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes (CARVALHO, 2002, p. 18).

Esse autor afirma também que “em 1890, com a República recém-proclamada, havia mais de 100 mil pessoas vivendo nessa condição marginal” (CARVALHO, 2002, p. 17). Glória Kok compara as ruas do Rio de Janeiro a “mercado onde produtos variados – leite, aves, vassouras, cebolas, panelas, doces, carvão, sorvete, doces etc. – eram comercializados muitas vezes sem higiene e quase sempre sem regulamentação” (KOK, 2005, p. 16).

Outra razão para o grande crescimento populacional do Rio, de acordo com Kok, é o grande “contingente de imigração ao longo da segunda metade do século XIX, especialmente de portugueses” (KOK, 2005, p. 16). Em 1890, segundo Eulália Maria Lahmeyer Lobo, “o número de estrangeiros atingiu 155.202 habitantes, quase dobrando, em virtude da alta imigração de 1888 e 1890, e o número de brasileiros alcançava 367.449 habitantes, crescendo em proporção pouco menor” (LOBO, 2001, p. 62).

Armelle Enders afirma que “depois da guerra do Paraguai, a corte atraiu uma forte corrente migratória, vinda da Europa, mas também das províncias do Nordeste” (ENDERS, 2004, p. 199). De acordo com a pesquisa da autora “em 1890, o recenseamento indica 54% dos habitantes da capital nasceram nela, um quarto é constituído por imigrantes estrangeiros e um quinto se origina de outras provinciais” (M.D. Moreira, 1969, p. 169). Assim, “alforriados e pobres expulsos dos campos nordestinos pelo declínio da cultura de cana-de-açúcar pensam poder encontrar uma vida menos rude na capital imperial” (ENDERS, 2004, p. 199).

A Guerra do Paraguai (1865-1870) também é considerada um fator preponderante na construção dessa população porque muitos escravos foram alforriados para a guerra

“quando retornaram, muitos mutilados, alojaram-se nessas habitações” de cortiços (CAMPOS, 2005, p. 56).

2.2 – AS MORADIAS POPULARES NO RIO DE JANEIRO E A OBRA DE ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Azevedo em sua obra *O Cortiço* descreve sobre esses habitantes do Rio de Janeiro. O romance narra pormenorizadamente a presença de imigrantes, tanto europeus, de um modo geral, como outros migrantes. Nesse caso temos dois grupos de personagens. No primeiro, o Miranda, representando a elite social, o João Romão, que enriquece com a exploração de outros e portugueses pobres, como o Jerônimo e outros habitantes do cortiço. Já o segundo grupo é formado por imigrantes internos, como a baiana Rita que tenta a vida na cidade do Rio.

Aluísio Azevedo também descreve sobre imigrantes de outras partes do mundo como os italianos e judeus que são moradores do cortiço, porém os retrata de forma estereotipada. Os italianos são descritos como barulhentos e desordeiros como o exemplo de Pompeo, Francesco e o Andréa:

Em uma outra casinha do cortiço acabava de estalar uma nova sobremesa, engrossando o barulho geral: era o jantar de um grupo de italianos mascates, onde o Delporto, o Pompeo, o Francesco e o Andréa representavam as principais figuras. Todos eles cantavam em coro, mais afinados que nas outras duas casas; quase, porém, que se lhes não podia ouvir as vozes, tantas e tão estrondosas eram as pragas que soltavam ao mesmo tempo. De quando em quando, de entre o grosso e macho vozear dos homens, esguichava um falsete feminino, tão estridente que provocava réplica aos papagaios e aos perus da vizinhança. E, daqui e dali, iam rebentando novas algazaras em grupos formados cá e lá pela estalagem (AZEVEDO, 1997, p. 14).

Já os Judeus são mostrados ávidos como o velho Libório, que possuía uma fortuna, mas guardava o dinheiro e mendigava para conseguir mais. Retrata assim o mito do judeu “pão duro”. A fama de gananciosos e espertos nos negócios no Brasil espalha através de frases e ditados largamente conhecidos como: "A diferença entre um judeu e um turco

aprendemos é que ambos vendem a mãe, mas o turco não entrega". O escritor Azevedo retrata da seguinte forma:

Olha o velho Libório! Como está cada vez mais duro!... Não se entrega por nada o demônio do judeu!

Um tipão, o velho Libório! Ocupava o pior canto do cortiço e andava sempre a fariscar os sobejos alheios, filando aqui, filando ali, pedindo a um e a outro, como um mendigo, chorando misérias eternamente, apanhando pontas de cigarro para fumar no cachimbo, cachimbo que o sumítico roubara de um pobre cego decrépito. Na estalagem diziam todavia que Libório tinha dinheiro aferrolhado, contra o que ele protestava ressentido, jurando a sua extrema penaria. E era tão feroz o demônio naquela fome de cão sem dono, que as mães recomendavam às suas crianças todo o cuidado com ele, porque o diabo do velho, quando via algum pequeno desacompanhado, punha-se logo a rondá-lo, a cercá-lo de festas e a fazer-lhe ratices para o engabelar, até conseguir furtar-lhe o doce ou o vintenzinho que o pobrezito trazia fechado na mão (AZEVEDO, 1997, p. 12).

Os Cortiços então surgiram como uma solução para essa classe menos favorecida. Em 1869, segundo Lia de Aquino, “havia 642 cortiços, com 9.671 quartos e uma população de 21.929 pessoas, passando esse número, em 1888, para 1.331 cortiços, com 18.866 quartos e uma população de 46.680 pessoas. A porcentagem dos cortiços era, então, de 3,9% e a de sua população, 11,72%.28” (CARVALHO, 1995, p 140)

Sobre a qualidade de vida dos habitantes do Rio de Janeiro, especificamente da área pobre, Maurício de Abreu descreve:

As condições de higiene sempre foram precárias no Rio de Janeiro (...) o núcleo urbano denso e apertado, cercado ainda de mangues e de terrenos paludosos, cortados por enormes quantidades de valas que, por estarem constantemente entupidas por dejetos lançados pela população, não conseguiam escoar água da chuva (...). Para isso contribuía também a proliferação das habitações coletivas pela cidade, especialmente o “cortiço”. Este tipo de habitação caracterizava-se pela disposição de uma multiplicidade de quatinhos em volta de uma área aberta que, entretanto, era ali que lavadeiras (...) faziam seu trabalho (ABREU, 1988, p.52).

Contudo, a cidade do Rio ainda era visada devido às comodidades que proporcionava a seus moradores. Quem morava no centro da cidade tinha a facilidade de trabalho. Por isso, um fator importante para o surgimento dos cortiços eram os entraves nos meios de transporte. Como nos mostra Abreu:

Somente aquelas pessoas que possuíam rendas, ou que, ao menos tinham algum tipo de remuneração estável poderiam dar-se ao luxo de morar fora da cidade, “seja nos elegantes bairros de Botafogo e Engenho Velho, seja nos mais modestos subúrbios que se formavam ao longo da via férrea” (ABREU, 2006, p 51).

Desta forma, para a grande parte da população “a localização central, ou próxima ao centro, era condição indispensável” (ABREU, 2006, p 51). Porque no centro aquelas pessoas poderiam ter os elementos necessários para a sua subsistência. Maurício de Abreu aponta:

Morar na área central significava muito mais do que não ter gastos com transporte. Para muitos, trabalhadores livres ou escravos de ganho, o trabalho tinha que ser procurado diariamente, e sob condições cada vez mais adversas, dada a crescente concorrência da força de trabalho imigrante. Estar próximo ao centro significava garantir a sobrevivência, mesmo porque, para grande parte da população ativa, constituída de vendedores ambulantes e de prestadores dos mais variados serviços, o trabalho não existia enquanto local, mas só aparecia como decorrência das demandas advindas da aglomeração de um grande número de pessoas e de atividades econômicas (ABREU, 2006, p 51).

Através dessa lógica compreende-se o cortiço descrito por Aluísio Azevedo e seus inquilinos que viviam com pouca salubridade, altos aluguéis em troca de uma aproximação do centro da cidade. Com isso o proprietário conseguia lucros exorbitantes.

Assim sobrevivia “a população menos favorecida, vítima principal do crescimento urbano desordenado, feito ao sabor dos interesses do capital especulativo, aglomerava-se em moradias populares no próprio centro, muitas delas habitações coletivas, nos subúrbios, vales, várzeas, mangues, escarpas de montanhas e morros” (KOK, 2005, p. 25)

Em sua obra “*O Cortiço*” Aluísio Azevedo atenta que não eram poucos os que trabalhavam próximo ao cortiço. As personagens das lavadeiras, os trabalhadores da pedreira e outros não hesitavam em alugá-lo. Era muito valorizado e rapidamente ocupado.

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação [...] Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem (AZEVEDO, 1997, p.7).

Todavia, não era benéfica para a população essa situação. De acordo com Lillian Vaz “à medida que aumentava a aglomeração, reduziam-se as condições de higiene no interior da habitação. As condições e a salubridade se agravavam: periódicas epidemias de cólera, varíola e febre amarela atingiam a cidade” (VAZ, 1994, p. 583).

No livro *O Cortiço* Aluísio de Azevedo, sendo como tal um escritor naturalista, não deixa de retratar a sociedade e suas mazelas. Em sua obra descreve sobre Jerônimo, o trabalhador português que representa disciplina e trabalho, funcionário da pedreira que ficou doente, e nele exemplifica os fatos ocorridos:

No dia seguinte, Jerônimo largou o trabalho à hora de almoçar e, em vez de comer lá mesmo na pedreira com os companheiros, foi para casa. Mal tocou no que a mulher lhe apresentou à mesa e meteu-se logo depois na cama, ordenando-lhe que fosse ter com João Romão e lhe dissesse que ele estava incomodado e ficava de descanso aquele dia [...] Pois um homem rijo, que nunca caia doente? Seria a febre amarela? (AZEVEDO, 1997, p. 16)

Vaz afirma que a “relação entre as habitações coletivas populares e a insalubridade da cidade foi rapidamente detectada. As habitações coletivas passaram a ser consideradas como a causa da insalubridade, e por este motivo foram condenadas a desaparecer, substituídas por habitações higiênicas.” (VAZ, 1994, p. 583).

Acrescenta Chalhoub:

(...) e houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos. (CHALHOUB, 1996, p. 29).

O autor explica que a classe pobre oferecia não somente perigo de contágio de doenças, mas também poderia apresentar problemas de âmbito social com seus hábitos e costumes. Azevedo denuncia o preconceito da sociedade que via os mais pobres como classe perigosas, não somente pela insalubridade do local, mas pelo modo de vida da população.

Capítulo 3 – HISTÓRIA DOS CORTIÇOS CARIOCAS

3.1 CORTIÇOS

Os Cortiços poderiam ter vários nomes associados ao seu tipo dependendo do contexto e da região vivida. O Arquiteto Andrea Picciani descreve:

Ao longo dos anos, dependendo do período histórico-político, várias denominações, que denotavam sua precariedade foram associadas à palavra “cortiço”. Entre os mais usados estão: “casa-de-cômodo”, “cabeça-de-porco”, “estância”, “zungu”, “pensão”, “hotel”, “hospedaria”, “vila”, “quintal”, “estalagem”, e “filadeiras de quartos ao longo do corredor” (PICCIANI, 2004, p. 22)

O termo “cabeça-de-porco”, por exemplo, foi dado esse nome devido a um famoso cortiço do Rio de Janeiro que tinha um significado “de antro”. (PICCIANI, 2004, p. 22). O nome foi dado como sinônimo de moradia coletiva e insalubre para a população pobre

Todos esses tipos possuíam dificuldades e inseguranças em suas habitações, não perdiam as características de precariedade e segundo o arquiteto fazem parte de todas essas definições “unidades coletivas concebidas como quartos, em alguns casos com instalações sanitárias de uso privado” (PICCIANI, 2004, p. 22).

No dicionário Aurélio, encontramos a definição de cortiço como “caixa cilíndrica, na qual as abelhas se criam e fabricam o mel e a cera” (FERREIRA, 2009, p. 233). E em comparação a esta definição pode-se associar o significado da palavra à realidade no Rio de Janeiro.

Essas formas de habitações coletivas e insalubres surgiram através do processo de industrialização e modernização da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Lilian Fessler “elas foram acompanhando passo a passo as transformações havidas no espaço urbano e na habitação” (VAZ, 1994, p.581). Com todas as mudanças decorridas no Rio a cidade passou a ter “feição colonial com aspectos de moderna metrópole capitalista. Nessa transição está a substituição do trabalho

escravo pelo assalariado, a formação de mercados e mercantilização de bens, inclusive a moradia e o trabalho, a decadência da cafeicultura fluminense, o desenvolvimento dos setores secundários e terciários da economia, a definição de novas categorias sociais e a substituição de elites no poder com a queda do império e a Proclamação da República” (VAZ, 1994, p.581).

Os cortiços apareceram nesse período para atender a demanda de pessoas que necessitavam e viviam da industrialização. Esta era uma forma de aproveitamento do limitado espaço disponível nas antigas freguesias centrais. Assim os “quintais e terrenos livres foram cobertos de frágeis casinhas e, posteriormente, casas foram desocupadas e subdivididas em cômodos. Lotes e casas eram encortiçados e transformados em estalagens. Apesar de serem objetos arquitetônicos de formas diferentes, são iguais em sua essência” (VAZ, 1994, p.581). Possuía desta forma um mesmo sistema de moradias onde “proprietários cediam seus imóveis que investiam pequenas economias na construção de casinhas ou na subdivisão das edificações existentes”. (VAZ, 1994, p.581). Nesse tipo de habitação, os proprietários lucravam de maneira exorbitante sobre aqueles que precisavam de moradia e precisam residir próximo ao centro do Rio.

No final no século XIX já havia uma divisão entre as áreas aristocráticas e as áreas populares. Glória Kok afirma em sua obra sobre o Rio de Janeiro:

Na zona sul, Laranjeiras, Botafogo, Flamengo e Copacabana, onde se construíam belos palacetes em estilos variados (geralmente inspirados em modelos europeus), e na zona norte, Rio Comprido, Tijuca, além do velho bairro de São Cristóvão, eram regiões bem atendidas pelos serviços públicos.

A emergente classe média assalariada vivia nas proximidades do centro ou nos subúrbios que cresciam, muitas vezes, a partir das estações de trem (KOK, 2005, p. 25).

Segundo a autora, “as casas de cômodos, por sua vez, resultavam da transformação de antigos palacetes e casarões, antes residências de famílias abastadas que se mudavam para os novos bairros, em habitações de gente pobre” (KOK, 2005, p. 28), ou seja, os mais ricos se mudavam para os lugares que antes eram considerados modestos, quem morava no centro eram as pessoas que não tinham meios de transporte para locomover-se para o trabalho. “O preço desses alojamentos populares era muito alto, se comparado ao salário dos trabalhadores” (KOK, 2005, p. 28), por isso, fazia-se a divisão de uma casa para várias pessoas, vários cômodos. A historiadora descreve:

Um quarto em uma casa de cômodos, por exemplo, custava, no mínimo, 20\$ (20mil-réis) mensais; uma casinha de cortiço, de 50\$ a 60\$. As primeiras casas de cômodos formaram-se já nas antigas freguesias de São José (onde estava a igreja do mesmo nome e a Praça Quinze), Espírito Santo (Castelo e Santa Luzia), Santo Antônio (a área em torno do morro) e Santana (famosa pela Praça Onze), ‘uma África em miniatura’, na feliz expressão de Heitor dos Prazeres, e pela Casa da Tia Ciata, redutos de alguns bambos do samba (KOK, 2005, p. 28).

Os cortiços eram mal vistos pela sociedade e culpados pelos focos de epidemias e pela desordem da cidade, pois os gestores da primeira República queriam impor no Rio de Janeiro a forma do *Glamour* Parisiense, a civilização e o progresso e encontraram aí um empecilho que foi a grande quantidade de negros que foram libertos. Esses foram estigmatizados por suas culturas e religião. “Era uma população de excluídos, uma ‘plebe rude’ de costumes ‘selvagens’, praticantes de usos ‘bárbaros’ como o carnaval do entrudo, dos cordões e blocos de ‘sujo’, de ritmos ‘obsce-nos” (MIRANDA, 2007, p.3). E desta forma, é criado o estereótipo do negro, sem trabalho, à margem da sociedade, sempre associando ao vagabundo e a figura do malandro.

Com a Proclamação da República, a situação de moradias se agravou devido às demolições de estadias que foram feitas em prol da higienização e da segurança da cidade. “Ficou na história a demolição, pelo prefeito Barata Ribeiro, de um dos maiores e mais famosos cortiços da cidade, o “Cabeça de Porco” em 26 de janeiro de 1893, na Rua Barão de São Félix, 154, habitado por um número incerto de pessoas (2 mil ou, segundo alguns, 4 mil moradores) (CHALHOUB, 2004, p. 15).

O Cabeça de Porco serviu de inspiração ao escritor Aluísio Azevedo para escrever, em 1890, a obra *O cortiço*:

E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante, formando com a continuação da casa deste um grande quadrilongo, espécie de pátio de quartel, onde podia formar um batalhão. Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem. Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, corado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia: “Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”. As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de

cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar. Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los. E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revêrbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco. E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 1997, p.7).

Diante da situação encontrada pelas classes trabalhadoras no cortiço o “Estado Imperial incentivou a construção de vilas de casas higiênicas e baratas para proletários e operários dando concessões de favores a construtores” (VAZ, 1994, p.581). Com esse privilégio autorizado pelo governo os empresários podiam “desapropriar prédios e terrenos necessários para a realização de projetos e isenção de impostos durante vários anos e de taxas de alfândega para a importação de materiais de construção” (VAZ, 1994, p.581).

Sendo dessa forma de grande vantagem para esses empresários, foi intensificado o discurso para persuadir a sociedade dos malefícios da permanência na habitação coletiva. Foi empregado de forma negativa e “o nome cabeça de porco se incorporou ao nosso vocabulário como sinônimo de habitação coletiva popular e insalubre” (VAZ, 1994, p.581).

Os cortiços também foram postos a baixo a partir da ideologia higienista, pela qual os intelectuais-médicos buscavam justificar a necessidade da remoção de pessoas. Um exemplo empregado por Chalhoub trata da questão dos pobres e da difusão dos hábitos. Diz um dos relatórios que “os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de erradicações de epidemias, além de, naturalmente terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos” (CHALHOUB, 2004, p. 15). Outro motivo, de acordo com **Andreino Campos, foi o fato de esse ser “o período que mais cresceu a concessão de alforrias 1870 e 1880, liberando quantidades crescentes de trabalhadores escravos, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro fez com que essa liberação causasse grande preocupação às elites que logo associaram à formação das ‘classes perigosas’, pelo seu**

vertiginoso aumento” (CAMPOS, 2005, p. 30). É nesse contexto que acontece o clímax da ideologia que segrega as classes populares.

3.2 CORTIÇOS E FAVELIZAÇÃO

Com a demolição dos cortiços pelo prefeito Barata Ribeiro, muitos ficaram desabrigados e pouco se sabe sobre os destinos dessas pessoas.

Observemos esta hipótese de Sidney Chalhoub:

O prefeito, num magnânimo rompante de generosidade, mandou facultar à gente pobre que habitava aquele recinto a tirada das madeiras que podiam ser aproveitadas em outras construções. De posse do material para erguer pelo menos casinhas precárias, alguns moradores devem ter subido o morro que existia lá detrás da estalagem” (CHALHOUB, 2017, p. 19).

De acordo com a tese de Lilian Fessler, foi desta forma que se deu a expansão dos cabeças de porco para as encostas do morro. Sidney Chalhoub descreve que “se trata de algo inesquecível: nem bem se anunciava o fim da era dos cortiços, e a cidade do Rio de Janeiro já entrava no século das favelas” (CHALHOUB, 2017, p. 17). Assim de forma violenta, sem ter onde acomodar essas pessoas que ficaram sem moradias, que os cortiços foram demolidos.

Segundo Armelle Enders “o número exato de pessoas alojadas na centena de casebres agrupados atrás do portão ornado com uma cabeça de porco escapa aos observadores – os jornais de 1903 falam em dois mil -, e a sorte delas, após a destruição desse pardieiro imundo, é menos conhecida ainda. Sem dúvida, uma parte subiu o morro da providência, bem próximo, e ergueu novos casebres nas encostas” (ENDERS, 2004, p. 203).

Outro fator que muito contribuiu para a formação das favelas foi a chegada dos soldados que retornavam da pacificação de Canudos e foram autorizados a colonizar a mesma colina. “Eles a chamavam de favela que é uma planta espinhosa, típica do sertão árido, que tinha dado o nome a uma elevação estratégica para a conquista da cidade de

Canudos” (ENDERS, 2004, p. 203). A autora afirma que “a erradicação dos cortiços, espetacular, mas incompleta, faz surgir um novo tipo de habitação popular, bem mais visível, porém, mais incontrolável ainda: as favelas” (ENDERS, 2004, p. 203).

3.3 OS CORTIÇOS EM SALA DE AULA

A integração entre História e Literatura pode ser muito produtiva para o trabalho em sala de aula, porém a constituição de ambas as áreas deve ser bem observada para que não entrem em conflitos, pois os historiadores não possuem a mesma liberdade de narração como os romancistas e os romancistas não possuem o mesmo método de análise dos historiadores. “A História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História” (BARROS, 2010, p.2), mas uma aumenta o conhecimento da outra e através da multidisciplinaridade faz com que o aluno tenha uma visão mais abrangente de uma obra ou de um período.

Através do romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo pode-se conhecer sobre as diferentes formas de morar no Rio de Janeiro. Para trabalhar as moradias do período das últimas décadas do século XIX o professor de história poderá utilizar em sala de aula um trecho do livro, como:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar (AZEVEDO, 1997, p. 8).

A partir desse trecho, o professor pode discutir sobre o modo de vida da sociedade que surge no Rio de Janeiro, ensinando aos alunos sobre os cortiços e seu período histórico, o descaso dos governantes com a população marginalizada e que o cortiço surgiu como uma solução para essa classe desfavorecida.

Outra sugestão que pode ser desenvolvida pelo professor é a elaboração de um debate acerca da localização das pessoas e questionar o porquê da preferência de habitação no centro do Rio e relacionar com o ambiente de trabalho e os meios de transportes existentes no período utilizando o trecho:

Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação [...] Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem (AZEVEDO, 1997, p. 8).

O Professor poderá questionar a classe sobre o motivo da grande quantidade de pessoas no Rio de Janeiro e desta forma explicar sobre a abolição da escravidão, onde os negros se concentraram em grande parte na cidade e segundo o IBGE “subiram as encostas dos morros, pois não houve uma integração social daqueles que ganharam liberdade” (IBGE, 2010).

Explicar também sobre a guerra do Paraguai (1865-1870) onde também foi considerada um fator preponderante na construção dessa população, porque muitos escravos foram alforriados para a guerra “quando retornaram, muitos mutilados, alojaram-se nessas habitações” (CAMPOS, 2005, p 56), de cortiços e favelas.

No Livro *O Cortiço* Aluísio Azevedo cita alguns estrangeiros como João Romão, Miranda, Jerônimo que são de Portugal, cita também italianos onde o Delporto, o Pompeo, o Francesco e o Andréa representavam as principais figuras e o judeu Libório. Assim, o professor poderá entrar na questão da imigração no Rio de Janeiro que também é motivo para o crescimento desordenado da cidade e sobre as teorias e doutrinas raciais europeias. “Onde o pensamento brasileiro expressava, à época, uma preocupação sistemática com a origem multiétnica do povo brasileiro, percebida como fonte de contradições sociais e obstáculo à construção de uma identidade nacional” (PETRUCCELLI, 1996, p. 134).

Outra imigrante, porém, interna, também apresentada é a Rita baiana que veio para o Rio atraída pelas oportunidades de emprego da capital. Assim o educador poderá explicar que a imigração não foi somente externa e mostrar o Rio de Janeiro dando os primeiros passos rumo a um processo de expansão e modernização, segundo conceitos vigentes na época.

O Professor, através do romance, poderá realizar um contraponto com as moradias insalubres da atualidade, comparando as casas dos cortiços com as favelas das encostas dos morros; e através de debates com os alunos mostrar as mazelas da sociedade, que

continua sendo ignorada pelos governantes. Ele deverá explanar sobre o despejo do prefeito Pereira Passos para com os encortiçados, onde foi imposto para a reforma da cidade, e assim se desenvolveu a favela mais antiga, que está situada no Morro da Providência entre os bairros do Santo Cristo e da Gamboa, na zona portuária da cidade brasileira do Rio de Janeiro.

As favelas fazem parte da paisagem de um terço dos municípios do país, abrigando mais de 10 milhões de pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E mesmo assim, é um assunto pouco explorado em livros didáticos.

Estudar sobre os cortiços e sobre a favelização “é mais do que uma forma de romper preconceitos, é uma oportunidade para ensinar a turma a reconhecer as diferentes formas das paisagens urbanas, compará-las, entender as modificações no espaço feitas pelo homem e as relações sociais e econômicas nesses territórios” (MARTINS, 2009, p. 2).

O Professor poderá utilizar como recursos para a sala de aula o livro *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo e ou recurso midiático como o filme brasileiro de 1978, *O Cortiço* do gênero drama, dirigido por Francisco Ramalho Jr., com roteiro baseado no livro homônimo de Aluísio Azevedo e fotos antigas do início das moradias no morro e fotos atuais das favelas do Rio de Janeiro.

Considerações finais

A segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram marcadas por diversas mudanças de ordem econômica, social, política e cultural que implicaram nas transformações das moradias do Rio de Janeiro. E através da obra *O Cortiço* pode-se perceber sobre essas alterações e o porquê delas.

Estudar sobre essa obra é ter uma noção sobre a população da cidade do Rio de Janeiro e seu modo de vida, seus hábitos na capital. O Presente trabalho teve como anseio contribuir no sentido de avançarmos na reconstituição do passado dessa importante cidade brasileira e entender a lógica da habitação popular dos despossuídos de uma renda fixa e a importância de se concentrar no centro para o importante mercado importador e exportador.

Podemos também perceber como ocorreu o início da favelização nessa cidade, a qual começou com a expulsão e a marginalização desses moradores dos cortiços, os quais sem ter para onde ir, subiram as encostas do morro e ali habitaram.

Estudar história e literatura é de grande importância para o aluno, pois a história é uma das ciências humanas, logo, tem por princípio estudar o ser humano, neste caso através do romance naturalista pode-se compreender sobre o período trabalhado, pois o mesmo nos deixou pistas através de seus autores que, sendo como tal fruto do seu tempo, “fotografaram” a sociedade em que viviam.

Com a interdisciplinaridade pode-se despertar no aluno o interesse pela disciplina e assim propiciar uma reflexão ampla fora dos limites reproduzidos na escola que continuam como uma forma ultrapassada de pensar história.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP/ Zahar, 1988 *apud* CAMPOS, Andreino. **Do Quilombo à Favela - A Produção do Espaço Criminalizado no Rio de Janeiro**, São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL: 1900-1910. (1980) *In: Nosso Século*, vol 1. São Paulo: Abril Cultural. *apud* CAMPOS, Andreino **Do quilombo à favela - A produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro**, São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

BURKE, Peter. **Novas perspectivas da História**. São Paulo: Unesp, 1991.

CAMPOS, Andreino. **Do quilombo à favela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. De cortiço a cortiço. *In: Novos Estudos CEBRAP*, nº 30, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª Ed. 12º reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARVALHO, Lia Aquino. **Contribuições ao estudo das habitações populares. Rio de Janeiro 1886-1906**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995. (Publicado junto com ROCHA, Oswaldo P., *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870-1920*).

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era Realista, Era de Transição**. 6. ed., São Paulo: Global, 2002.

CUNHA, M.C. **Negros, estrangeiros**: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1986 *apud* CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela - A Produção do Espaço Criminalizado no Rio de Janeiro**, São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

ENDERS, Armelle. **A História do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa** – 7ª edição. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis [uma reflexão em busca da autoestima]**. Rio de Janeiro, Record, 2000, p.77. *apud*: KOK, Glória. *Rio de Janeiro na Época da Av. Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

LOBO, Eulália. M.L. **A imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MARTINO, Pierre (1923). **Le Naturalisme Français**. Paris, Armand Colin. *Apud*. COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era Realista, Era de Transição*. 6. ed., São Paulo: Global, 2002.

M.D. Moreira Azevedo. **O Rio de Janeiro. Sua História. Monumentos, Homens Notáveis, Usos e curiosidades**. Rio de Janeiro: Livr. Brasileira Editora, 1969, 3ª Ed., p. 18 *apud* ENDERS, Armelle. *A História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

PICCIANI, Andrea. **Cortiço na Cidade: Conceito e Preconceito na reestruturação do Centro Urbano de São Paulo** – 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. 2º Ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Kalina; SILVA, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

VAZ, Lilian Fessler. **Contribuição ao estudo da produção e transformação do espaço da habitação popular. As habitações coletivas no Rio Antigo, Rio de Janeiro**, dissertação de mestrado, PUR/ UFRJ, 1985 *apud* CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

SITES CONSULTADOS:

ABREU, Maurício de Almeida. **Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução.** Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-MauricioAbreu.pdf>, Acessado em: 4 de maio 2023.

ALVES, Tatiana Batista. **Literatura e História como Reinvenções do Passado.** Teoria da Literatura. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/orientando06.htm>> Acessado em: 21 de maio de 2023.

BARROS, José D' Assunção. *HISTÓRIA E LITERATURA – novas relações para os novos tempos.* Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf>, Acessado em: 01 de maio de 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Da senzala ao cortiço – história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro.** Rev. bras. Hist. vol.21 no. 42 São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882001000300011&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 maio 2023.

IBGE. 2010. **Municípios de até 20 mil habitantes são maioria no Brasil.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/noticias/municipios.html>>, acessado em: 22 de maio de 2023.

MARTINS, Ana Rita. **A favela como um espaço da cidade.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/favela-como-espaco-cidade-475205.shtml>, Acessado em: 22 de maio de 2023.

MIRANDA, Dilmar Santos de. **A Cidade e o Samba.** LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos. Ano 14, 1º semestre 2007. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/06_DILMAR_SANTOS.pdf> Acessado em: 15 de maio, de 2023.

PESAVENTO, Sandra. *História & literatura: uma velha-nova história.* Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 enero 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Consultado em 21 maio 2023.

PETRUCCELLI, José Luis. **Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro, 1870-1930.** Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/sete/petruc7.htm>>, Acessado em 22 de maio de 2023.

PIMENTEL, Telmo de Maia. **A Estreita Relação que há entre História e Literatura – Considerações sobre o Romance Histórico “Os Sertões”**. Disponível em: <http://www.univar.edu.br/interdisciplinar/downloads/relacao.pdf>. Acessado em 20 de maio de 2023.

VAZ, Lilian Fessler. **Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro**. *Análise Social*, vol. xxix (127), 1994 (3.º), 581-597. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377187I6iYL2uw3Xe43QN7.pdf>, Acessado em 01 de maio de 2023.